

O QUE O PÓS PANDEMIA NOS RESERVA? A SOCIEDADE PALIATIVA DE BYUNG-CHUL HAN

WHAT DOES THE POST-PANDEMIC RESERVE US? THE PALLIATIVE SOCIETY OF BYUNG- CHUL HAN

Crisalex Rodrigues Pereira¹

RESUMO: Este trabalho trata das consequências pessoais e sociais em relação à pandemia que assolou o mundo desde 2019 por pelo menos dois anos, por conseguinte, como examina como o filósofo Byung-Chul Han concebe a relação entre pandemia e sociedade, com ênfase no mundo pós pandêmico. O trabalho é dividido em quatro partes. Inicialmente, a partir da análise da famosa obra do autor *A Sociedade do Cansaço* - a noção da forma como os indivíduos vivem e se enxergam no mundo atual será apresentada, bem como as suas concepções de discurso e realidade perante o problema do fracasso no capitalismo. Neste artigo, além do cansaço social já tratado na obra de Han, serão abordadas ainda, as ações e ferramentas usadas para contenção do vírus que poderão se perpetuar mesmo após o fim da disseminação do mesmo. Serão discutidos também, os efeitos do isolamento tendo em vista a acentuação das conexões digitais. E as proporções que o narcisismo humano tomou durante esse momento peculiar vivenciado pela humanidade. Além disso, a relação causa e consequência entre o modo como se vive hoje em dia, e o início iminente de uma pandemia também será analisada, com foco no sistema capitalista e as possíveis saídas ou mesmo consequências que a pandemia já mostra e que possivelmente transformará na sociedade. Assim, chegaremos à conclusão sobre as consequências da forma paliativa como o mundo neoliberal tem tratado a pandemia e principalmente a dor daqueles que têm passado por ela.

Palavras-Chave: Pandemia. Sociedade. Mundo. Cansaço. Isolamento.

ABSTRACT: This work deals with the personal and social consequences in relation to the pandemic that has ravaged the world since 2019 for at least two years, therefore, as it examines how the philosopher Byung-

¹ Graduado em filosofia pela UFPI. Professor em Campo Alegre de Lourdes - BA. E-mail: crisalexrodrigues.cal@gmail.com

Chul Han conceives the relationship between pandemic and society, with emphasis in the post-pandemic world. The work is divided into four parts. Initially, from the analysis of the famous work of the author *A Sociedade do Cansaço* - the notion of how individuals live and see themselves in the current world will be presented, as well as their conceptions of discourse and reality in the face of the problem of failure in capitalism. In this article, in addition to the social fatigue already dealt with in Hans work, the actions and tools used to contain the virus that may be perpetuated even after the end of its dissemination will be addressed. The effects of isolation will also be discussed in view of the accentuation of digital connections. And the proportions that human narcissism took during this peculiar moment experienced by humanity. In addition, the cause-and-consequence relationship between the way people live today and the imminent start of a pandemic will also be analyzed, focusing on the capitalist system and the possible solutions or even consequences that the pandemic already shows and that it will possibly transform in society. Thus, we will reach the conclusion about the consequences of the palliative way in which the neoliberal world has treated the pandemic and especially the pain of those who have been through it.

Keywords: Pandemic. Society. World. Tiredness. Isolation.

1 INTRODUÇÃO

A consolidação do capitalismo gerou com o passar dos séculos inúmeros tipos de disfunções sociais, da fome ao desperdício, do egoísmo à visão lucrativa disruptiva, do consumismo ao narcisismo. Dentre tantas disfunções, as pandemias que erradicaram milhões de vidas e surgiram inesperadamente durante alguns períodos da história, são, de longe, uma das piores consequências do modo como a sociedade globalizada vive.

Dessa forma, a análise dos efeitos pós endêmicos da pandemia do COVID-19 não pode ser feita sem a observação do contexto histórico da humanidade. Esta, encontra-se dividida entre as posições de vítima e responsável pelas próprias mazelas.

Para Byung-Chul Han, autor da obra “Sociedade do Cansaço”, tal pandemia pode ser caracterizada como um espelho das nações. Em sua obra, artigos e entrevistas, o autor traz uma análise da rapidez com a qual as pessoas se conectam, se movem e vivem no cenário atual. A velocidade, tem como

consequência o esgotamento social e individual e a auto exploração. Apesar de seu livro a “Sociedade Do Cansaço”, ter sido lançado antes da disseminação do vírus, o escritor, que é considerado um dos maiores filósofos vivos, publicou diversos artigos com observações profundas a respeito da pandemia, assim como, suas opiniões e vislumbres do que se pode esperar do futuro após o surto da Covid-19.

No quadro descrito por Han, o sujeito explorado da antiga sociedade da negatividade passa à condição do sujeito autoexplorado. Esse aspecto é original da modernidade como elemento essencial à compreensão do sujeito. No entanto, a exposição dá margem a interpretações unilaterais, porquanto a autoexploração convive ainda com a exploração constitutiva da sociedade da negatividade. (BRANCO; ROCHA, 2019, p. 171)

Qualquer indivíduo que esteja, hoje, estudando para um concurso, vestibular, ou trabalhando de forma autônoma, pode ser exemplo da Sociedade do Cansaço descrita por Byung-Chul Han. Pessoas que passam horas do dia trabalhando/estudando e, no entanto, estão sempre com a sensação de que poderiam estar fazendo mais, temendo que o seu esforço nunca seja suficiente. Mesmo os momentos de descanso e lazer se tornam um peso, pois, para este indivíduo auto explorado, esse tempo poderia estar sendo usado de outra forma, revisando mais uma matéria, fazendo mais uma entrega, lendo mais uma página, preparando mais uma aula.

A frase “Trabalhe enquanto eles dormem”, que deveria ser motivadora, acabou se tornando um estímulo da exploração pessoal e, aparentemente, também tornou-se hegemônica. A promessa do sucesso é o que move a sociedade atual, e lhe dá a fictícia sensação de liberdade. Mas pode cobrar um preço, muitas vezes, alto demais. Segundo o filósofo, essa ideia neoliberal se disfarça de autonomia e superação individual. Quando, na verdade, ela é a mais evidente demonstração de exploração que está por trás de uma sociedade do cansaço.

Ainda em sua obra, o autor argumenta que a dominação e a exploração no neoliberalismo não são mais articuladas pela negatividade da proibição e da vigilância como era há algumas décadas atrás, na sociedade que ele chama de disciplinar. Agora, a dominação e a exploração se fundamentam na

positividade, ou, ainda, no excesso desta. Positividade consiste na ideia individualista na qual o indivíduo crê que a sua vontade e foco serão os únicos determinantes do seu sucesso. É a ideia de que tudo é possível, desde que você se esforce demasiadamente. Esse pensamento ignora fatores externos, históricos, sociais, econômicos e políticos. Por essa ótica, se todo mundo pode, e você não conseguiu, então, implica dizer que você não quis de verdade, ou, indo além, que você fracassou.

Dessa forma, essa dominação não diz ao dominado o que ele é proibido de fazer, não exerce um controle disciplinar, pelo contrário, o faz acreditar, o tempo todo, que ele pode tudo, que ele conseguirá tudo. E assim, o neoliberalismo, para Byung Chul Han, moderniza e sofisticada a sua forma de abuso.

2 EXPLORAÇÃO DE SI MESMO E A SOCIEDADE DO RENDIMENTO

Para além da sociedade do cansaço, da auto exploração e da ampliação dos traços narcisistas presentes na personalidade humana atual, pode-se observar ainda, através do mundo isolado, outro exemplo de crise e dominação sistêmica, a qual, é chamada na obra de Han, de sociedade do rendimento. Sendo esta, mais uma vertente da sua tese sobre auto exploração.

O fracasso é algo inerente ao capitalismo, numa sociedade na qual a concorrência é livre, nem todos podem ser vencedores. O problema é que o capitalismo não sabe o que fazer com os fracassados. Han aponta que o pior é que nós culpamos a nós mesmos por esse fracasso e não percebemos que a culpa é do estado e do sistema que rege a nossa economia. É o que ele chama da sociedade pós vigilância, na qual o próprio indivíduo se vigia e se cobra por resultados e desempenho.

O que nos torna depressivos seria o imperativo de obedecer apenas a nós mesmos. Para ele, a depressão é a expressão patológica do

fracasso do homem pós moderno em ser ele mesmo. Mas pertence também à depressão, precisamente, a carência de vínculos, característica para a crescente fragmentação e atomização do social. (HAN, 2015, p. 15)

Semelhante a esse processo, podemos citar também o que o Prof. Érico Andrade chama de *Losers*, em outras palavras, *a sociedade do fracasso*, apesar de não fazer nenhuma referência direta à Byung-Chul Han, devemos admitir que essa questão se trata de um problema filosófico importante da contemporaneidade. Em nossa investigação, é possível argumentar sobre a necessidade de um direito ao fracasso, ou seja, uma sociedade que aceite e dê lugar aos que não são os “vencedores”. Contudo, ao invés disso, o sistema neoliberal quer que agenciemos a nós mesmos, que nos coisifiquemos pelo agenciamento de si:

A ideia é clara: todos são empreendedores de si mesmo. Não importa quem parte na frente na corrida, as diferenças estruturais de classe entre os competidores, mas importa apenas os que se dispõem a concorrer, a fazerem sacrifícios para superarem as dificuldades. Mesmo um assalariado, com baixo salário, se toma como um empreendedor de si mesmo; responsável pelo seu florescimento, pelos seus fracassos e vitórias. só os que assumem essa tarefa se constituem como vidas que ideologicamente se assentam no modelo de autorrealização. Só quem está no sistema pode se definir como senhor de si mesmo.” (ANDRADE, 2019, p. 85)

208

Do mesmo modo em Han, no corpo social guiado pelo neoliberalismo, ao analisar a chamada sociedade do rendimento, foi possível perceber que nesta, ocorre uma exploração sem autoridade. Ou seja, o indivíduo, de forma subconsciente, é forçado, por si mesmo, a render. Tornando-se ao mesmo tempo, senhor e escravo dos seus próprios se o sentimento de liberdade é o que caracteriza esse sujeito social, o qual, quando forçado a render, explora a si mesmo. Dessa forma, tem-se a comprovação de que a técnica de explorar a si mesmo é mais eficaz do que ser explorado por outros, justamente porque envolve a sensação, ainda que fictícia, de liberdade.

Sendo assim, a sociedade do rendimento, ou da falta dele, se traduz dia após dias no paradoxo no qual as pessoas, quanto mais conectadas, mais distantes uma das outras, quanto mais ficam em casa, mais cansadas se sentem.

Trabalhar de casa aparentemente traz tanta exaustão quanto ir ao escritório, à loja, a empresa. De acordo com as observações de Byung-Chul

Han, isso se deve a falta de rituais e estruturas temporárias fixas, ou seja, de um ambiente próprio e de convívio comum. É esgotante trabalhar sozinho. Passar todo o dia sentado de pijama na frente da tela de um computador e relacionar-se com os demais apenas por chamada de vídeo, ao passar das semanas, dos meses, esgota qualquer indivíduo, ainda que este não perceba.

O esgotamento físico e psicológico já era uma propriedade fática dos seres do mundo contemporâneo, entretanto, nunca se viu tanta lassidão como agora. Paradoxalmente, o “ficar em casa” não trouxe descanso para ninguém, pelo contrário, cada dia mais se ouve casos de pessoas, pacientes ou não de covid-19, apresentando a *síndrome da fadiga*, esta, por sua vez, é uma seqüela tanto da doença quanto do isolamento. Muitos recuperados do vírus, não são mais capazes de render nem de trabalhar. Até mesmo encher um copo d’água pode ser difícil para eles. No entanto, como dito acima, essa síndrome não afeta apenas os infectados, mas também, os saudáveis, que por sua vez, estão sempre esgotados.

É interessante, nesse sentido, que tal esgotamento nos leva a questão da saúde coletiva e da imunidade. E talvez esse seja o diferencial da filosofia de Han, por volta de 5 anos antes da pandemia, ele tratava dessa questão como uma forma de alteridade. Assim, sua perspectiva imunológica trata dos mecanismos de defesa da sociedade à tudo que ameaça à humanidade. O que Han detecta é que há um câncer na sociedade, desde a virtualização da realidade, até o estado de normalidade ter se tornado exceção. É como se tudo isso fosse um reflexo da maneira como o homem habitou o planeta, dominou os territórios numa dialética que ele caracteriza como negatividade.

A dialética da negatividade é o traço fundamental da imunidade. O imunologicamente outro é o negativo, que penetra no próprio e procura negá-lo. Nessa negatividade do outro o próprio sucumbe, quando não consegue, de seu lado, negar àquele. A autoafirmação imunológica do próprio, portanto, se realiza como negação da negação. O próprio afirma-se no outro, negando a negatividade do outro. Também a profilaxia imunológica, portanto a vacinação, segue a dialética da negatividade. Introduce-se no próprio apenas fragmentos do outro para provocar a imunorreação. Nesse caso a negação da negação ocorre sem perigo de vida, visto que a defesa imunológica não é confrontada com o outro, ele mesmo. (HAN, 2015, p. 9)

Nesse momento ainda não fica clara a posição de Han em relação a vacinação, até porque ainda não havia surgido a pandemia. Contudo, é marcante a matéria em que escreveu² que mesmo tendo vacinas contra a covid, ainda assim não teremos vacinas contra a depressão causada pelo capitalismo.

3 PANDEMIA COMO ESPELHO DA SOCIEDADE

Após essa exposição inicial, pode-se confirmar também mais uma das teses de Han, na qual o vírus é o espelho da sociedade e vem agravando suas crises. Este acelera o desaparecimento dos rituais, dirimindo, aos poucos, o que conhecemos como modo social de convívio. Com as conexões formadas por redes sociais na internet de forma exacerbada, já vinha-se observando uma degradação dos contatos físicos entre as pessoas. No entanto, muitos rituais ainda resistiam, como ir ao futebol ou a um show, sair para comer em um restaurante, ir ao teatro ou ao cinema. Estes foram definitivamente exauridos pelas regras de isolamento social.

Ainda que, após a erradicação do vírus, tais práticas voltem a ser permitidas, nada será como antes. As lives de música mudaram a forma como se acompanha um show, os aplicativos de delivery revolucionaram o modo de fazer uma refeição, e todos os outros rituais de convivência social foram alterados, grande parte deles, definitivamente.

Han descreve o fim dos rituais, ao que dedica um livro a isso, colocando justamente que o excesso do individualismo não permite a ritualização das ações, porque elas preconizam justamente ações coletivas sem individualidade. Os rituais exigem a comunidade e seus atos simbólicos de transmitir valores. É possível falar até de um desaparecimento de símbolos, uma vez que a sociedade do novo ojeriza as repetições simbólicas. O problema

² Em 17 de Maio de 2021 "Em breve teremos vacinas suficientes para vencer o vírus. Mas não haverá vacinas contra a pandemia da depressão" em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/609285-o-virus-capitalista-do-cansaco-incessante>

do fim dos rituais é que não há passagem no tempo, pois os rituais marcam essas passagens, uma memória corpórea do indivíduo na comunidade.

Rituais são processos de incorporação e encenação corporal. As ordens e valores em vigor em uma comunidade são vivenciados e consolidados no corpo. São consignados no corpo, são incorporados, isto é, são assimilados corporalmente. Desse modo, os rituais geram um conhecimento corporificado e uma memória corporal, uma identidade corporificada, uma compreensão corporal. A comunidade ritual é uma corporação. A comunidade como tal tem uma dimensão corporal inerente. A digitalização enfraquece o vínculo da comunidade, pois tem um efeito desencarnado. A comunicação digital é uma comunicação desincorporada. (HAN, 2020, p. 14)

A uberização da realidade econômica e filosófica é algo que faz parte também desse fim da ritualização do processo de ensino e aprendizagem, hoje em dia com o youtube, os aplicativos, os coaches, toda a informação vem em formato audiovisual e mastigado, o indivíduo não precisa construir sua própria interpretação, ele tem sempre alguém cobrando para incentivá-lo a acreditar que é, sabe, pode, deve, consegue... Tudo isso tem a ver com a digitalização da realidade que estabelecem novas formas de socialização.

211

Byung-Chul Han dá destaque para o modo como as tecnologias digitais açambarcam a vida humana. Ao longo dos últimos anos aprendemos a incorporar no nosso cotidiano diversos recursos tecnológicos, oferecidos como auxiliares das mais diversas tarefas com as quais nos ocupamos. Desde afazeres domésticos, processos de trabalho e até a comunicação foram paulatinamente atravessadas por esses artefatos, se que muitas vezes notemos as modificações qualitativas que esses instrumentos acarretam na própria dinâmica dessas tarefas e os significados subjetivos que produzem. (MELO, 2020, p. 70)

O grande problema desse afastamento entre os indivíduos não é apenas o cansaço social, nem mesmo a dissolução das comunidades. Os piores revés por trás dessas modificações ainda estão por vir. A tese sobre a pandemia como “espelho da sociedade” é assustadora, pois trata-se de uma sociedade já completamente enferma. Como os fatores epidêmicos podem nos adoecer ainda mais?

Uma das consequências previstas por Han refere-se a uma óbice que sempre assombrou os sistemas políticos democráticos: os

regimes autoritários, antidemocráticos e ditatoriais. Para o autor, se os povos de todos os países, principalmente os de terceiro mundo, já eram passíveis de exploração quando estavam “próximos”, agora, tão distantes uns dos outros, tornam-se ainda mais suscetíveis ao domínio de quem tem poder, assim como, mais propícios ainda do que já eram, à intolerância. Conseqüentemente, estarão, a partir de logo, sempre à beira de começar uma guerra.

E é exatamente esse “estado de guerra permanente” que Byung explora em uma das suas entrevistas dadas a uma revista.

Sintetizando o exposto, pode-se afirmar que a previsão de Han baseia-se na análise do medo da morte inerente ao ser humano, assim como o anseio pela própria segurança e proteção. As pessoas são capazes de tudo e aceitam coisas inimagináveis para garantir esses desejos fundamentais. Assim, se a pandemia é um espelho da sociedade, esta trará também, a ampliação destes anseios, sejam eles para o bem ou para o mal.

4 A SOCIEDADE PALIATIVA

O último livro lançado por Byung-Chul Han procura ir mais à fundo na essência de todo o problema que contorna a questão da pandemia: a dor. Para isso, ele se utiliza do termo “A sociedade paliativa” para designar uma sociedade que se autodestrói na ilusão da criação de um pólos médicos ultratecnológicos salvacionistas.

Ora, com a pandemia vimos que tais polos são ineficientes para toda a sociedade, que entram em colapso não só em países subdesenvolvidos, mas também em países desenvolvidos, criando filas para UTIs, filas de ambulâncias para poder levar os pacientes ao atendimento.

Byung Chul Han denuncia que a medicina não consegue dar conta da dor, e, começando com uma frase de Junger “Conte-me sua relação com a dor e te

direi quem és” (JUNGER apud HAN, 2021, p. 9), ele propõe uma hermenêutica da dor.

A necessidade analgésica da sociedade se desdobra até na política, numa democracia paliativa, é justamente aí, nessa que podemos vislumbrar o pós-pandemia, numa pós-democracia que é também capenga, meio indefinida, uma solução provisória para a falta de novos modelos.

Enquanto isso a esfera do consumo vai ficando cada vez mais requintada e sofisticada. A culturalização da economia se separa da esfera artística e a dor se torna algo distante do capitalismo, como um “outro” produto, talvez até mesmo socialista. Pois a complexidade da dor versus a compulsão consumista pela felicidade escondeu a dor nas instituições fechadas de dominação como hospitais, quartéis, escolas e fábricas.

O dispositivo neoliberal de felicidade nos distrai das relações de dominação existentes, forçando-nos a fazer uma introspecção da ala. Garante que todos se ocupem apenas consigo mesmos, com sua própria *psique*, em vez de investigar criticamente as questões sociais. O sofrimento, pelo qual a sociedade seria responsável, é privatizado e psicologizado. As condições a serem melhoradas não são sociais, mas psíquicas. O ímpeto para uma otimização da alma, que na realidade o obriga a se adaptar às relações de dominação, oculta a má prática social. Assim, a psicologia positiva sela o fim da revolução. Não são os revolucionários que sobem ao palco, mas os treinadores motivacionais que evitam a propagação do mau humor ou mesmo da raiva. (HAN, 2021, p. 27)

213

Ao mesmo tempo, a dor tem um caráter social importante, se ela é anestesiada, ela se torne imune. Contudo, essa imunidade não é somente contra ela mesma, a dor, mas é contra as críticas, e esse é o caráter ambíguo da política da imunidade. Não se quer dizer que as pessoas realmente tem que sofrer, de modo algum, mas elas tem que aprender a criticar a partir do sofrimento tiveram ou pelo menos do sofrimento que vêm as pessoas terem.

Recentemente, foi muito assertivo, após toda uma campanha pela crítica dos “outros”, percebermos a necessidade da autocrítica do “mesmo”, essa mesmidade que nos levou a uma repetição de um Brasil neofascista semiditatorial permeado de valores misóginos, racistas, etc.

Enquanto interpretarmos esse sofrimento pelo qual estamos passando, como diz Han, como o nosso próprio fracasso, estaremos fadados à depressão.

É preciso perceber a dor juntos, e não privatizá-la, pois se não estaremos sempre cansados para lutar.

No capítulo “Sobrevivência”, Han começa a dizer:

O vírus é o espelho da nossa sociedade. Destaque a sociedade em que vivemos. Hoje a sobrevivência assume um valor absoluto, como se estivéssemos em guerra constante. Todas as energias vitais são usadas para prolongar a vida. A sociedade paliativa acaba por ser uma sociedade de sobrevivência. Diante da pandemia, a árdua luta pela sobrevivência sofre uma exacerbação viral. O vírus rompe a área do bem-estar paliativo e a transforma em uma quarentena na qual a vida se torna rígida, tornando-se mera sobrevivência. Quanto mais a vida é sobrevivência, mais a pessoa tem medo da morte. (HAN, 2021, p. 33)

Precisamos voltar a viver, a ideologia da saúde e a autoexploração no trabalho nos fizeram esquecer de como é ter prazer em viver. A virologia se tornou na autoridade interpretativa absoluta da vida. Todos discutem como especialistas sobre vacinas, acreditando que após estas estarão salvos, contudo, sabemos que após a vacina, ainda estaremos sujeitos a nos infectar, ainda que, com a vantagem de não desenvolver gravemente a doença;

A relação entre a vida e a morte perde toda a sua simbologia e se perde numa nudez quantitativa de medição de impulsos colhidos em aparatos como oxímetros e outros aplicativos. Segundo Han, há uma sociedade de mortos vivos dominada pela histeria da sobrevivência. E toda a sociedade global e cosmopolita, ao mesmo tempo se desmanchou no ar, novamente estamos num cenário de guerra:

Uma sociedade imunologicamente organizada é cercada, como Guerra Fria, por muros e cercas. O espaço consiste em blocos separados uns dos outros. Barreiras imunológicas, no entanto, retardam a movimentação de bens e capitais. A massiva globalização que vem ocorrendo from the fim da Guerra Fria os derrubou radicalmente como um processo de desimunização para acelerar ou fluxo de bens e capital. A negatividade do adversário, efetiva no quadro imunológico, não pertence à constituição da sociedade neoliberal de performance. Aqui, a guerra é travada acima de tudo consigo mesmo. Na exploração de outros dá lugar à autoexploração. (HAN, 2021, p. 39)

Isso porque é uma guerra em que o inimigo agora é o indivíduo, cada um é potencialmente um terrorista emancipador do vírus. Logo, é complexo falar do passaporte da imunidade, uma vez que a vacina não impede a transmissão

do vírus. Continuaremos sendo cobrados a fazer exames para ir e vir, continuaremos sendo vistos com desconfiança. Ao mesmo tempo que em países mais rígidos um ministro da saúde é deposto por movimentos sociais de parentes de vítimas do coronavírus por ter quebrado as regras do confinamento, em nosso país, o ministro da saúde literalmente dança forró com o coronavírus.

Por fim, podemos dizer que a dor é coisificada em nossa sociedade ao ponto de ser considerada prioritariamente um processo fisiológico/somático ou quando um processo psíquico, algo que também pode ser bioquimicamente controlado. Han se apoia na visão de Benjamin sobre a relação da dor com a história para falar sobre o sentido ou a falta de sentido da dor. E entende com isso a importância do fluxo da história da dor, e uma ideia de que a história pode curar a doença. Não sabemos se essa cura histórica pode acontecer sendo somente poeticamente re-escrita como diria Aristóteles, mas sabemos que teremos nessa era da pós-narrativa, “o espírito tem que admitir sua própria impotência” (HAN, 2021, p. 41) e o corpo tem que ganhar um novo poder de superação para além do bem e do mal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Dor é vida” Han

Em suma, Byung Chul Han faz diversos estudos sobre o cenário atual das sociedades, afirmando suas crises, mazelas, e propensões futuras. Através destes, pode-se concluir que após a pandemia, o capitalismo continuará imperando com ainda mais robustez. Os medos e inseguranças foram acentuados e serão explorados por aqueles que governam os sistemas. Historicamente, sabe-se que os momentos de crise e ruptura, são os mais oportunos para instauração de novos regimes políticos, cujos quais, quase sempre são sucedidos de abusos de poder.

Espera-se que este não seja mais um desses momentos, e que as transformações remetam-se apenas ao aspecto social. Que o estado de exceção

não venha a se tornar a situação normal. E que a pós-democracia não se torne o novo normal de uma sociedade paliativa que não dá conta de sair dessa grande encruzilhada do fracasso em que se colocou e que coloca os indivíduos num modo de produção econômico insustentável, num modo político que recai no neofascismo e num modo de subjetividade baseado mais no consumismo do que na cidadania.

O vírus isolou e individualizou mais ainda os povos, cada um passou a se preocupar somente com a sua própria sobrevivência, isso não trará uma sociedade mais pacífica, tampouco mais justa. Se não houver algum tipo de revolução humana, no sentido de impedir que as disfunções sociais se acentuem, se não houver o ato de repensar e restringir radicalmente o capitalismo destrutivo, a sociedade como é conhecida hoje, estará mais próxima do seu abismo do nunca antes.

A dor deve ser levada ao plano de uma economia, ela não deve ser relegada ao segundo plano, a dor é, entre outras coisas, o que mais se aproxima da ideia da verdade. “Onde separações doem, vínculos feitos se mostram verdadeiros. Apenas verdades doem. *Tudo que é verdadeiro é doloroso*. A sociedade paliativa é uma sociedade se verdade” (HAN, 2021, p. 61). Assim, concluímos nosso trabalho monográfico sob a perspectiva de que a pandemia pode nos levar a novos níveis de vínculo, a partir das vidas perdidas, um vínculo que supera a coisificação, que supera a indiferença. O vírus pode nos restituir a realidade no que Han chama de um corpo contra virtual, delineando nossa autopercepção poeticamente pela estética e a dialética da dor. A transvaloração de todos os valores é entender a dor como um valor da saúde. Que o luto e a alegria, em seu eterno jogo, possam na profundidade de suas extremidades, acalmar um ao outro, e revelar o ser. Ao mesmo tempo,

A eliminação do “grande outro” do conflito interno abriria o espaço para uma queda narcisista do sujeito, na qual o superego seria substituído por um ego ideal [...]. Esta depreciação da alteridade tem consequências em diferentes esferas. No livro *A agonia do Eros*, Han (2017) analisa esses desdobramentos na esfera dos afetos. Sem entrar na discussão sobre a validade desta tese sobre uma mudança da estrutura psíquica, o que nos interessa aqui é destacar esta abordagem do debilitamento, ou da anulação, das negatividades como processo estrutural intrapsíquico. (Domecq,

2020, p 348)

Por fim, o que nos resta é a ética da dor “em tempos de pandemia, lutar contra a constatação de que a dor dos outros fica ainda mais distante. Ela se dissolve em ‘números de casos’” (HAN, 2021, p. 100). Nesse caso, a proximidade se torna uma ameaça, todos são possíveis portadores de vírus, e isso nos faz deixar de perceber o outro em sua alteridade. A fuga da dor, do outro, da morte, representam assim para Han o “último homem” enquanto objetivo último do transhumanismo, que ironicamente, nessa transição, deixa para trás tudo o que é ser humano.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Érico. **Losers**. Editora CRV, 2019.

BRANCO, Judikael; ROCHA, Lara. A condição humana de Hannah Arendt e os equívocos na interpretação de Byung-Chul. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v. 26, n. 50, maio.-ago. 2019, Natal. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/15444/11673>> Acesso em 12/7/2021

DOMECQ, Martin. SOBRE A NOÇÃO DE TRANSPARÊNCIA EM BYUNG-CHUL HAN E A DEFESA DE NOSSA DESACREDITADA OPACIDADE. **Griot : Revista de Filosofia**, Amargosa -BA, v.20, n.3, p.342-361, outubro, 2020 . Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-1488-9782> Acesso em 3/7/2021.

EL PAÍS. **Teletrabalho, Zoom e depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca**. Disponível em:

<<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-03-23/teletrabalho-zoom-e-depressao-o-filosofo-byung-chul-han-diz-que-nos-exploramos-mais-que-nunca.html>>
Acesso em: 15/06/21

EL PAÍS. **O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han**. Disponível

em:
<<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>>

HAN, B. C. **A Sociedade Do Cansaço**. Editora Vozes, 2015.

HAN, B. C. **O desaparecimento dos rituais - Uma topologia do presente**. Trad. Alberto Ciria. Herder Editorial, 2020.

HAN, B. C. **A sociedade paliativa**. Trad. Ana Falcão Bastos. Ed. Vozes, 2021.

MELO, Marco. PSICOPOLÍTICA EM BYUNG-CHUL HAN: NOVAS FORMAS DE CONTROLE NA CIVILIZAÇÃO TECNOLÓGICA. **Revista Dialectus**. Ano 9, n 17. 2020. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/60608/162099> Acesso em 7/7/2021.

Recebido em: 07/2021
Aprovado em: 08/2021

